

*Paradiso*

# ESTÉTICA

REVISTA TRIMENSAL

**Direção e Administração**

**Prudente de Moraes, neto, e Sergio Buarque de Hollanda**

*90/4*

**Rio de Janeiro**

1924 / 1925

**EDIÇÃO FACSIMILADA**

**APRESENTAÇÃO**

*Vida da Estética e não Estética da Vida*

por

**Pedro Dantas**

*Glossário de Homens e Coisas da Estética*

por

**Mario Camarinha da Silva**

**GERN A S A**



Obra publicada  
com a colaboração do  
**PROLIVRO**

**GOVERNADOR DO ESTADO DA GUANABARA**  
**Antônio de Pádua Chagas Freitas**

**SECRETÁRIO DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO**  
**Fernando de Carvalho Barata**

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE CULTURA**  
**Eduardo Portella**

**CONSELHO CONSULTIVO**

**Presidente: Carlos Chagas Filho**

**Coordenador: Leodegário A. de Azevedo Filho**

**Membros: Consuelo Chermont de Brito, Francisco de Assis  
Barbosa, Mário Camarinha da Silva e Sílvio Elia**

## FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte do  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, GB)

E83

Estética: 1924/1925, ~~edição~~ facsimilada; apresentação por Pedro Dantas. (Rio de Janeiro, Gernasa, 1974. ~~lviii~~, 339p. ~~ilust.~~ cm.

Edição facsimilar da Revista Estética, trimestral. Direção de Prudente de Moraes, neto e Sérgio Buarque de Hollanda.

Edição comemorativa do cinquentenário da Revista Estética.

Abrange os 3 únicos números (1924/1925) da Revista, em 1 volume.

Glossário de homens e coisas da Estética por Mário Camarinha da Silva.

Obra publicada com a colaboração do Prolyro.

1. Literatura brasileira — Periódicos. 2. Periódicos brasileiros, 1924/1925.

CDD — 056.9  
869.905  
869.9094  
CDU — 869.0(81)-92

74-0511

Esta edição comemorativa do cinquentenário da revista *Estética*, órgão nacional do movimento modernista em sua segunda fase, foi realizada, com planejamento de Mário Camarinha e coordenação gráfico-editorial de Lúcio de Abreu, pelas Edições Gernasa e reproduz facsimilarmente a edição original de 1924/1925, composta e impressa tipograficamente nas 339 páginas que abrangem os três números, raríssimos, da *Estética*. A presente edição totaliza 2.000 exemplares, impressos na Companhia Editora Americana, com encadernação confeccionada pela Anga Encadernações, para as Edições Gernasa, Rua Leandro Martins, 76 - Rio de Janeiro, ZC-05. CEP. 20.000.

## VIDA DA ESTÉTICA E NÃO ESTÉTICA DA VIDA

*Estética*, um sonho da adolescência, longamente acariciado na imaginação, começou a concretizarse muito burgueiramente por uma decisão de poupança: era preciso juntar algum para o custeio ao menos do primeiro número. Os seguintes seriam cobertos pela venda ou, talvez, pela publicidade. A decisão era, porém, sigilosa e tanto mais difícil de cumprir à risca. O fato é que sempre se conseguiu um mínimo, — um mínimo, realmente para poder pensar no segundo passo.

Consistiu este em apresentar a idéia de uma revista literária (não exclusivamente literária, mas de cultura geral, aspirando a obter colaboração científica e filosófica) de sentido e de espírito renovador. O assunto era apenas segredado a amigos de confiança. Nada de planos que pudessem malograr e esvair-se em bafo. Falar, só na hora de fazer. Com Sergio Buarque de Hollanda, na interminável conversação retomada cada dia ou, melhor, cada noite, nas caminhadas da cidade para Botafogo, a revista foi tomando configuração em nosso espírito e pudemos debater seus problemas.

Uma vez fixados quanto à linha a manter, passamos à ação, que era convocar os amigos à colaboração gratiuta. A própria revista deveria motivar a participação de todos. Seria o órgão que o modernismo deixara de ter, desde o desaparecimento da *Klaxon*.

Sergio escreveu a Mario de Andrade, que logo se prontificou a colaborar e obter a colaboração dos amigos, em S. Paulo. Guilherme de Almeida estava morando no Rio e foi conversado pessoalmente, assim como Couto de Barros, em breve temporada carioca. Os do Rio receberam muito bem a idéia, embora não deixassem de manifestar alguma reserva quanto à orientação e aos critérios da revista, dirigida por dois "jeunes poètes si sympathiques," como diria, depois, Blaise Cendrars, dos quais só um — Sergio Buarque de Hollanda — era conhecido como escritor, por seus artigos. Sergio era, também, o autor de uma série de títulos de contos, que Agripino Grieco dizia que seriam reunidos em volume, sob o nome de *Títulos ao portador*...

Começaram a chegar as colaborações pedidas e a revista foi tomando forma e figura de publicação. Ainda não tinha nome, pois não conseguíamos fixar-nos em nenhum que satisfizesse. Não tinha artigo-programa, para dizer a que vinha. Os futuros diretores pensavam redigi-lo a quatro mãos. Uma tarde, porém, encontraram Graça Aranha, à porta da Casa Carvalho (Avenida Rio Branco, esquina de S. José — comestíveis, bebidas, frutas, barzinho famoso pelo caju amigo, os Porto, Madeira, Xerez, água de coco, salada de frutas e outras especialidades) e o grande escritor informou-se do problema.

— Eu faço a apresentação. O nome? Está achado: *Estética*.

O generoso oferecimento do artigo de apresentação era irrecusável. O nome de *Estética*. . . Bem, Sergio passou algumas noites a extrair da sua cultura, já então de opulência insondável, uma série de tangentes por onde pudéssemos justificar esse título. Mas “Paris vaut bien une messe” . . . e fomos à missa celebrada por Graça Aranha. A primazia da publicação do ensaio “Mocidade e estética” (ao qual o escritor acrescentou algumas linhas em nossa intenção) foi a recompensa da nossa renúncia. Dias depois, recebíamos os originais manuscritos, no belo cursivo do romancista de *Canaã*. Valeu a pena. Era, ao menos, um nome de imenso prestígio a nos acobertar a aventura.

Precisávamos optar por um modelo para a revista. O gosto sempre seguro de Sergio Buarque de Hollanda indicou o modelo inglês da revista de T. S. Eliott: *The Criterion*. Era o que gostaríamos de ter seguido. A sair quatro vezes por ano — o que deixava intervalo razoável, depois da publicação, para o preparo do número seguinte. Trimestral, então? A palavra soava desagradavelmente. Paciente consulta aos dicionários revelou que o adjetivo “trimensal” poderia ser empregado com aquele mesmo sentido. E ficou.

— Ortografia? — Era caótica, em 1924. A direção de *Estética* resolveu assegurar o caos, embora a própria revista adotasse a reforma portuguesa, com algumas variantes próprias. O princípio, liberalíssimo, era o de respeitar a grafia, como as idéias, de cada um. Compromisso, apenas o propósito de renovação cultural.

Podíamos passar à parte prática. Onde imprimir? Um velho VIII amigo ofereceu os préstimos de certa gráfica de amigos seus. Fariam

camaradagem no preço. Trabalho da melhor qualidade — papel a escolher. A casa, uma pequena gráfica, na Rua da Misericórdia, não parecia tão bem montada como dizia o amigo comum. Era, porém, apenas, uma parte da oficina, que não funcionava ali, senão para pequenos trabalhos e para tratar o serviço, a ser executado em outro local. Ajustou-se o preço para mil exemplares: sairia a mil réis cada um, entregue a edição na própria Rua da Misericórdia. Diante disso, como não se tratasse de ganhar dinheiro, mas de produzir, com cada número, o suficiente para custear outro, foi fixado o preço de venda em dois mil réis e em oito mil réis a assinatura anual (quatro números), calculada em 40% a despesa com as comissões das livrarias (30%) e mais pequenos gastos de transporte. Foram feitos alguns cartazes e impressos, com o título, para as remessas pelo correio.

O registro da revista foi processado pelo escritório de advocacia de Justo de Moraes e Herbert Moraes. Era preciso indicar a sede: a revista tinha que ter uma redação. Ora, a redação... era ambulante, estaria onde estivessem os seus diretores. Diante da necessidade de adotar um endereço, entraram eles em acordo com os livreiros Soria e Boffioni, donos da Livraria Odeon, na Av. Rio Branco (entre as ruas S. José e da Assembléia) para que a citada Livraria figurasse como sede e redação.

Era preciso ainda preparar o lançamento nas capitais de alguns Estados, S. Paulo e Belo Horizonte, pelo menos. Na capital paulista, encarregou-se de recebê-la e mantê-la em exposição, um jovem amabilíssimo rapaz, magrinho naquele tempo, o “seu” José, da Garraux, a grande e tradicional livraria paulistana. Este “seu” José (José Olympio Pereira) hoje não é tão magrinho e não é mais da Garraux: é o grande editor, do Rio e do Brasil. Naquela ocasião, encomendou 50 exemplares, em consignação (vendeu-os e pediu mais 30). Em Belo Horizonte, o trabalho foi, antes, de obtenção de colaboradores e assinantes, sob a orientação de Afonso Arinos. Fez-se o que se pôde, em três dias de permanência na capital mineira, onde a *Estética*, deixou, como representante, a figura admirável de Pedro Nava.

De volta, havia que cuidar da publicidade. Um amigo arrancou dos charutos Dannemann a promessa de 500 mil réis, pela reprodução, em 4 números da revista, do feiíssimo “clichê” publicado nos números que saíram. Outro, ligado à revista, pois figurava de co-proprietário, no registro, Carlos de Moraes Barros, arrancou de Zanotta, Lo-

renzi & Cia. (Guaraná Espumante e Chocolate Lacta) idêntica promessa, com liberdade de se fazer desenhar o anúncio daqueles produtos. O desenho foi pedido a Pedro Nava, explorando-lhe a vocação para as artes plásticas.

Ambos os anúncios seriam pagos depois da publicação. Mas, já nas últimas provas, surgiram problemas com a tipografia, que alegou ter sido obrigada a mandar fazer o trabalho por outro, que cobrava mais caro. O dinheiro disponível não dava para cobrir a diferença. Duas providências foram tomadas para reduzir essa diferença ao mínimo: diminuição da tiragem, de mil para oitocentos exemplares; grampeamento da revista, o que muito a enfeiou. Mesmo com esses sacrifícios, faltavam 400 mil réis para cobrir o preço, quando a revista ficou pronta. Onde arranjar-los, naquele fim de tarde, para dar início imediato à distribuição? A revista já saía com enorme atraso — entre outros motivos, porque esperara semanas por uma nota de Américo Facó sobre Joseph Conrad, recentemente falecido.

O problema foi resolvido mediante angustiado apelo ao ramo dos Secos e Molhados. “Seu” Armindo (Pereira, se não nos enganamos), do Armazém de Gaio Martins & Cia. (Praia de Botafogo esq. de Farani) adiantou o necessário, contra um vale, devidamente resgatado algum tempo depois. A “seu” Armindo, mais esta palavra de reconhecimento, cinqüenta anos depois. Grande, o “seu” Armindo!

E a revista saiu, distribuída aos colaboradores do Rio, levada às redações dos jornais. Ninguém lhe notou os defeitos porque, afinal, ficara muito melhor do que se podia imaginar.

No dia seguinte, estava nas livrarias e começava a remessa para o interior e o exterior. Foi mandada para o Recife, ao cuidado de Joaquim Inojosa. Foi enviada às principais revistas européias e americanas, bem como a diversos dos mais eminentes escritores do Velho e do Novo Mundo. A revista *Criterion*, na qual tanto procurara inspiração, registrou o aparecimento da *Estética*, em nota assinada por certo F. S. Flint, que considerou os jovens escritores brasileiros muito influenciados pelos europeus. Mas destacou o artigo de Graça Aranha, cuja filosofia resumiu: “Esthetics is a philosophy of youth; for only youth can conquer Terror and transform everything into lightheartedness”!

X O procedimento da gráfica, além de incorreto, fora incivil. Houve alteração e “baixo palavreado”. O n.º 2 já foi impresso nas oficinas

dos irmãos Pongetti, ali por Mem de Sá, estabelecimento a que era também associado Paulo Hasslocher. Aliás, eles é que tinham-se incumbido da impressão do n.º 1, sem o contratar diretamente. O dinheiro dos anúncios, mais algum das assinaturas já recebidas, garantiam a publicação do n.º 2, com pequeno desembolso. Foi preciso, entretanto, baratear o papel. Contudo, o preço de venda era insustentável, pois não dava margem sequer às comissões das livrarias. Foi aumentado de 2 para 3 mil réis. A venda avulsa, nessa base, mais as novas assinaturas, dariam para pagar o n.º 3. E ainda havia recebimentos suficientes para lastrear razoavelmente o número seguinte. Aconteceu, porém, que o cobrador, antigo trapalhão, herói de muitas extraordinárias aventuras, chamado a contas, confessou ter sido forçado a dar outras aplicações ao dinheiro. Com sacrifício, ultimou-se o pagamento do n.º 3.

Foi feita uma tentativa desesperada no sentido de conseguir recursos pelo menos para mais um número — para o qual já havia colaborações recebidas, entre outros, de Oswald Ayrade e Antônio de Alcântara Machado. Verificada a impossibilidade de alcançar o mínimo indispensável (e a perspectiva era de novo aumento do custo) resignamo-nos a deixar a *Estética* desaparecer, por inanição. Os assinantes não podiam queixar-se: tendo pago 8 mil réis por 4 números de 2 mil réis cada um, receberam três números apenas — um, de 2 e dois de 3 mil réis. O famoso mal dos “três números”, mais uma vez, foi fatídico.

Aqui não é o lugar para relatar o anedotário da *Estética*. Um episódio, porém, exige registro imediato. Nas páginas reservadas à sua autopromoção, a revista anunciou, entre as colaborações prometidas ou em preparo “na redação”, um estudo de Sergio Buarque de Hollanda sobre James Joyce. A propósito, certo leitor escreveu à *Estética* uma carta provocadora. Não pensasse a turma da revista que detinha o privilégio do conhecimento de um escritor como Joyce. Pelo contrário, a ninguém, ali, reconhecia capacidade para tratar do *Ulysses* e seu autor. Só uma pessoa, no Brasil, poderia fazê-lo com autoridade: um escritor pernambucano, que a *Estética*, por certo, não conhecia — Gilberto Freyre — de quem, para ilustração, se juntava um artigo publicado no Recife, sobre o escritor proibido.

Salvo engano, a carta era assinada por um nome desconhecido: José Lins do Rego (sem que hoje me seja possível jurar por essa atribuição). José Lins do Rego — veio-se a saber — era um rapaz nordes-

tino que andava muito em companhia de Lívio Xavier, de Antônio Bento, de Mário Pedrosa. Sergio Buarque de Hollanda propôs fossem os dois documentos (carta e artigo) publicados, na Seção de Transcrições, que a revista se empenhava em manter. Seria uma contribuição para o nosso n.º 4.

Informado na *Garnier*, pela decisão tomada, Graça Aranha mostrou-se interessado pelo assunto; ao ver a carta e o artigo, protestou com veemência:

— Não pode ser! Vocês não podem transcrever este escrito. Esse rapaz é nosso inimigo: ficou com o Oliveira Lima, contra o Nabuco!

Órgão Nacional do movimento modernista, em sua segunda fase, *Estética* propusera-se duas metas principais: apresentar o modernismo antes em seus trabalhos de reconstrução que de demolição, deixando implícitas ou em segundo plano as contestações dos valores superados; e exercer a crítica do movimento de que participava, partindo do pressuposto de que só o próprio modernismo tinha condições para discutir e criticar suas proposições e suas obras, tão completa era, fora dos seus quadros, a incompreensão das suas técnicas e dos seus fins. Divulgaria o que se estava procurando criar, em poesia, ensaio, conto, romance (publicou três números, uma novela inteira, de Teixeira Soares — *Vida em espiral*) e discutiria em ampla liberdade, sem espírito sectário, os problemas ante os quais seus colaboradores pudessem situar-se diversamente. Cartas na mesa. Franqueza irrestrita. Sinceridade absoluta.

Ao desaparecer, com o seu terceiro número — é fácil verificá-lo hoje — tinha cumprido sua missão.

**Pedro Dantas**

**GLOSSÁRIO DE HOMENS E COISAS  
DA ESTÉTICA (1924/1925)**

## GLOSSÁRIO DE HOMENS E COISAS DA ESTÉTICA (1924/1925)

(Fora das normas internacionais para melhor representar o espírito da época que tenta captar)

### A. C. COUTO DE BARROS

Antônio Carlos Couto de Barros publica na *Estética* uma nota crítica sobre o *Oeil de Boeuf*, que Sergio Milliet trouxera pronto e impresso da Europa, e um texto poético datado de 1922/23. A defasagem dessas datas com as da *Estética* não é de estranhar: o autor, oriundo da Semana de Arte Moderna, tem seu nome em quase todas as revistas modernistas da década: *Klaxon*, *Estética*, *Revista do Brasil*, *Terra Roxa e Outras Terras...*, *Revista Nova*. Mario de Andrade o evocou na conferência de 1942 sobre *O Movimento Modernista*: “E o filósofo da malta, Couto de Barros, pingando ilhas de consciência em nós, quando no meio da discussão, em geral limitada a bate-bocas de afirmações peremptórias, perguntava mansinho: Mas qual é o critério que você tem da palavra “essencial”? ou: Mas qual é o conceito que você tem do “belo horrível?”..” E, como conta Manuel Bandeira (na crônica de 07.12.55 da *Flauta de Papel*): “Um belo dia desapareceu da literatura, sem deixar rastro. Da literatura só não; há vinte anos estou sem notícias dele e tenho pena, pois é das criaturas mais encantadoras que já conheci.”

### AFONSO ARINOS SOBRINHO

Ao tempo da *Estética*, Afonso Arinos (sobrinho), como se assinaria na *Revista do Brasil* (fase

Rodrigo M. F. de Andrade), firmava com este, em seguida ao tio que tanto admirava, o hábito que têm os Mello Franco de subtrair-se literariamente à importância do nome histórico. Tinha 19 anos em 1924 e havia dois era estudante de Direito no Rio. Amigo de toda a vida de Prudente e Sérgio Buarque de Hollanda, encarregou-se de passar assinaturas entre amigos de sua tradicional família mineira. Literariamente, revelou-se poeta antológico nos números 1 e 3 da *Estética*: "Paisagem de Brinquedo" e "Copacabana" foram recolhidos por Manuel Bandeira na *Antologia dos Poetas Brasileiros Bissexto Contemporâneos* (RJ, Z. Valverde, 1946). Mas ao que informa Plínio Doyle na indispensável "História de Revistas e Jornais Literários" (*Revista do Livro*, RJ, 33: 103-119, 2. trim. 1968, com o cap. II, sobre a *Estética* e a *Revista Nova*), o autor não incluiu "Copacabana" entre os poemas de *Barra do Dia* (Petrópolis, Ed. Sílvio da Cunha, 1955). Tão bissexta e antológica quanto a sua poesia é, nesse homem público, a atividade de crítico e professor de precisão cronométrica (seja aqui lembrada, como exemplo, a definitiva edição crítica das *Cartas Chilenas*); porém, mais marcante ainda parece ser nele o dom da amizade: todos o louvam.

#### ALVARO MOREYRA

Aparece na *Estética* 2 com um poema quase em prosa, à sua maneira, que vinha do versolibrismo simbolista. Tem 37 anos. Nasceu em Porto Alegre, onde estreara em 1909. Desde 1910 na redação do *Fon-Fon*, em 1918 passou a diretor-secretário da S.A. O Malho, o que lhe permitiria abrir as portas do *Para-Todos*, revista ilustrada de atualidades, aos modernistas. Sua casa, com Eugênia Álvaro Moreyra, foi talvez o mais freqüentado salão intelectual dos tempos heróicos do modernismo do Rio. As boas passagens da vida constam de suas memórias, *As Amargas Não...* (RJ, Lux, 1954).

## AMÉRICO FACÓ

Faz o necrológico de Joseph Conrad na *Estética 1*. Com 39 anos, senhor de sólida cultura e longa experiência jornalística (iniciada ainda no Ceará, onde nascera em Beberibe), seria o fundador de *Pan* (1924) e *O Espelho* (1930), revistas literárias menores, e, com Jaime Adour da Câmara, da Agência Brasileira, à maneira de Havas, onde era redator. No INL seria diretor da Seção de Enciclopédia e Dicionário, em longas conversas com Sérgio e Prudente. Sua justa medida modernista nos é dada num dos *Passeios na Ilha*, de Carlos Drummond de Andrade (*Obra Completa*. RJ, Aguilar, 1964): "Apareceu o livro raro de 1951 [...] Américo Facó, letrado do gosto mais seguro, possuidor da língua nacional nas belezas evidentes como nas ocultas que ela propõe a quem queira escrever, compôs este livro diferente, que nos redime de todos os maus volumes aparecidos e por aparecer, nossos e alheios. Em seus melhores momentos, a poesia brasileira não atingiu ainda altura superior à destas páginas, que vêm conciliar a sensibilidade moderna com o espírito clássico".

## ANDRADE E ALMEIDA

Poeta, irmão de Guilherme de Almeida, colaborador de *Estética 3* (Ver Carlos Alberto Araújo).

## ANÍBAL MACHADO

Aos 31 anos dava na *Estética 2* o conto "O Rato, o Guarda Civil, e o Transatlântico" (dedicado a Álvaro Moreyra) que incluiria em sua obra definitiva *A Morte da Porta Estandarte e Outras Histórias* (hoje volume da Coleção Sagarana, da José Olympio). Nascido em Sabará, formado em Direito num curso de vai-e-vem (Belo Horizonte—Rio—Belo Horizonte), antes de fixar-se no Rio em 1923 já criara raízes modernistas em Belo Horizonte, fazendo poemas em prosa (sob o pseudônimo An-

tônio Verde, que cheira a cruzamento simbolista de António Nobre e Cesário Verde) e escrevendo crônicas no *Estado de Minas*. Durante a fase da *Estética* transitaria da carreira de promotor (antes fora por seis meses delegado de polícia no Rio) para a de professor de literatura (interino) no Colégio Pedro II, interrompida com a Revolução de 30. Irmão de Cristiano Machado, a política rondou-o sempre. Mas sua vocação era literária, essa mesma que, como um príncipe do espírito, soube estimular em amigos inumeráveis.

## ANO

O ano inicial da *Estética* é 1924. O Rio tem então pouco mais de 1.157.873 habitantes, que foram os recenseados em 1920. Fora remodelado pelo Prefeito Pereira Passos e saneado por Oswaldo Cruz na primeira década do século; eletrificara-se na segunda; e engalanara-se todo para o Centenário da Independência, comemorado com grandes festejos em 1922. Este fora também ano de revoluções, literária em São Paulo e militar no Rio. Em 1924 as mesmas inquietações andavam à solta. Falava-se que Oswald de Andrade chegara de Paris no fim do ano com um manifesto novo, que não agradara em São Paulo. Logo passa pelo Rio Blaise Cendrars que, em Paris, convertera Tarsila e Oswald ao primitivismo. Ia para Santos, mas (mutilado de guerra) lá encontra dificuldades legais para desembarcar: "O Brasil não precisa de mutilados. Precisa de braços" — desabafou Mário de Andrade pelo *Correio Paulistano*. Chega o Carnaval e, no curso em carro aberto pelas Avenidas Rio Branco e Beira-Mar, posando para os fotógrafos do *Para-Todos*, as moças da sociedade local cantam meio encabuladas o samba de Seu Candu:

Lá no morro de São Carlos  
É lugar de pretensão  
Já botaram metralhadoras  
Pra brigar com a aviação.

A revolução anda no ar. Oswald de Andrade solta pelo *Correio da Manhã*, do Rio, o já falado "Manifesto da Poesia Pau-Brasil". Em São Paulo a Exposição de Lassar Segall é xingada de "futurista" e causa polêmicas. Menotti del Picchia dá pelo *Correio Paulistano* o seu "Manifesto Anti-Pau-Brasil" e publica na *Novíssima* poemas de Cendrars. A Semana Santa leva Mário, Oswald, Tarsila e a patota de São Paulo em viagem a Minas: vão mostrar ao francês Cendrars o Brasil primitivo e acabam descobrindo a tradição no interior. Tarsila se deslumbra com as decorações ingênuas dos velhos casarões. Oswald apreende a poesia primitiva: "A lua nasceu com licença da Câmara Municipal". Mário faz as pazes com o Aleijadinho e ganha inspiração para o "Noturno de Belo-Horizonte". Morrem Rui Barbosa e José Albano. E Vicente de Carvalho também. É anunciada a temporada do trágico Zaconi. Oscar Lorenzo Fernández surge num concurso público com um "Trio Brasileiro" e uma "Canção Sertaneja". Comentando conferência de Cendrars, o passadista Guastini se refere, no *Jornal do Commercio*, de São Paulo, ao "impagável bolshevista" Segall e indaga sobre o Sr. Delloney [queria dizer Delaunay]: "Quem será este?". Maior escândalo causa a conferência de Graça Aranha sobre "O Espírito Moderno" na Academia de Letras, levando Coelho Neto a gritar: "Eu sou o último heleno!" Mais duradouro, porém, é o espírito da prosa revolucionária das *Memórias Sentimentais de João Miramar*, que Oswald de Andrade lança então por todos os arraiais modernistas. E eis que chega o 5 de julho: Miguel Costa, Isidoro Dias Lopes e os jovens tenentes são batidos em São Paulo e a Coluna Prestes põe no mapa quotidiano do brasileiro lugares nunca dantes suspeitados. "Pela Ordem" — é o pronunciamento de Menotti: "Basta de sarilho! Surjam agora as penas capazes da obra séria da reconstrução". Também Murilo Araújo se pronuncia numa conferência pró modernismo, contra o aranhismo; é contra, mas Graça Aranha aplaude e encampa. Com o mesmo entusiasmo com que quase diariamente ia aplaudir no Teatro São José um quadro de revista em que uma corista (repre-

sentando uma aranha) falava e um compadre comentava: "Tem graça, a aranha". E levava amigos, consigo. É, então, que em setembro, com a primavera, chega a *Estética*. Há cinquenta anos...

## ANTECEDENTES

A Introdução de Pedro Dantas dá os detalhes: (1) como surgiu a idéia da revista; (2) quais os seus objetivos; (3) o modelo; (4) o nome *Estética*, que lhe deu Graça Aranha; (5) o registro da revista e sua redação; (6) o dinheiro para as despesas, como foi levantado; (7) a odisséia da impressão do primeiro número. Acrescente-se a seguinte informação de Prudente em entrevista ao *Diário Carioca* (25.05.52), citada por Plínio Doyle (na mencionada História de Revistas e Jornais Literários, R. Livro, RJ, 33): "Além disso, freqüentávamos (Sérgio e eu) reuniões semanais: às terças-feiras, do Ronald de Carvalho; às sextas-feiras, do Guilherme de Almeida, e ainda as reuniões em casa do Renato de Almeida [...] E foi nesse ambiente, nesse fervor literário, de preocupação absorvente, que me ocorreu, em 1924, fazer uma revista literária. Propus ao Sérgio, que imediatamente aprovou a idéia."

## AVALIAÇÃO

*Estética* (1924/1925), revista trimestral, sucede à *Klaxon* (1922/1923), mensário de arte moderna, e será sucedida por *A Revista* (1925), de Belo Horizonte, como órgão do modernismo oriundo da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, 1922. Como disse Prudente de Moraes, neto, em entrevista ao *Estado de S. Paulo* (Suplemento Literário, n.º 269, de 17.02.62): "*Estética* teve importância sob dois aspectos. Primeiro: foi o primeiro esforço relativamente bem sucedido de transformar o movimento modernista, fazendo-o passar do período polêmico ao de afirmação construtiva. Apresentou obras im-

portantes e significativas; publicou páginas fundamentais dos homens da geração; lançou escritores novos e até então ainda não entrosados no modernismo, como Afonso Arinos de Melo Franco e Antônio Joaquim de Almeida; e escritores realizados, mas que nunca tinham sido publicados no Rio, como Aníbal Machado. Segundo: *Estética* foi o primeiro órgão de expressão do movimento modernista que empreendeu a sua crítica, com liberdade, vivacidade e sinceridade. Por isso mesmo provocou dissensões e a conseqüente dispersão do grupo. Quando *Estética* se permitiu criticar a obra e as idéias de Graça Aranha, o grupo “‘gracista’ brigou”. É isso aí, não há do que descrever nas palavras de quem sempre pode repetir (com deleite, como nessa outra entrevista que em 1952 deu ao *Jornal de Letras*, RJ, número 35): “Meninos, eu vi.”

## BISSEXTOS

São muito significativos no elenco dos colaboradores da *Estética* esses poetas que só esporadicamente cultivam a sua arte. Passaram para a *Antologia de Poetas Brasileiros Bissexto Contemporâneos*, de Manuel Bandeira (RJ, Z. Valverde, 1946): Afonso Arinos Sobrinho, Américo Facó, Pedro Nava, Prudente de Moraes, neto, Rodrigo M. F. de Andrade e Sérgio Buarque de Hollanda.

## CARLOS DRUMMOND

Ainda não se assinava de Andrade ao publicar, com 23 anos, os poemas da *Estética* 3, dois dos quais (“Construção” e “Sentimental”) incorp. Nascido em Itabira do Mato Dentro, fora educado em colégios de padres em Belo Horizonte e em Friburgo, de onde o expulsam em 1919 por *insubordinação mental*: “Perdi a fé. Perdi tempo. E sobretudo perdi a confiança na justiça dos que me julgavam. Mas ganhei a vida e fiz alguns amigos inesquecíveis”. Vivera em Belo Horizonte de 1920 a

1934. O ano de 1925 foi marcante para o poeta: formou-se, casou-se e lançou *A Revista*, que substituiu, em julho, a *Estética*, desaparecida com o número de abril/junho. Desde 1921 colaborava no *Diário de Minas*, ia à Livraria Alves e frequentava o Café Estrela. E entre a redação, o café e a livraria... a interminável conversa dos amigos do livro, alguns chegando a amigos do peito, inesquecíveis: Afonso Arinos de Mello Franco (antigo colega de colégio), Aníbal Machado e Pedro Nava, para só mencionar os ligados a *Estética*. Pelo *Diário de Minas* ..... (30.09.22) elogiara *Os Condenados*, de Oswald de Andrade; contista premiado pela *Novela Mineira*, nesse ano da Semana escreveria a Álvaro Moreyra no Rio e este lhe franquearia as revistas *Para-Todos* e *Ilustração Brasileira*. Em 24 ficara conhecendo pessoalmente, em Belo Horizonte, Oswald, Tarcila, Cendrars, D. Olívia Guedes Penteado, Gofredo Telles e Mario de Andrade. Diz o poeta: "Havia excesso de boa educação no ar das Minas Gerais, que é o mais puro do Brasil, e os moços precisavam deseducar-se, a menos que preferissem morrer exaustos antes de ter brigado. Para essa deseducação salvadora contribuiu muito, senão quase totalmente, um senhor maduro de 31 anos (quando se tem vinte, os que têm vinte e cinco já são velhos imemoriais) que passou por Belo Horizonte numa alegre caravana de burgueses artistas e intelectuais, adicionada de um poeta francês que perdera um braço na guerra e andava à procura de melancia e cachaça. Foram apenas algumas horas de contato no Grande Hotel; os burgueses agitados regressaram a São Paulo, o senhor maduro com eles; e de lá começou a escrever-nos. As cartas de Mario de Andrade ficaram constituindo o acontecimento formidável de nossa vida intelectual belo-horizontina." A correspondência de Mário, torrencial, haveria de somar-se a de Manuel Bandeira iniciada em 1924, e logo a dos rapazes da *Estética*. Entrementes, a redação do *Diário de Minas* foi-se transformando aos poucos no quartel-general (ou pavilhão de posses) da nova geração, como disse o próprio Drummond, que seria chefe dessa redação e nome maior do movimento em Minas. É que o poeta tem

o dom de incentivar e participar, parecendo que não. Na verdade, esse Homem calado, que tão bem compõe a face com um sorriso (tímido) quando ouve, fala ou vê, tudo ouve, tudo vê e tudo diz (por escrito) do que se passa em torno: é ecumênico.

### CARLOS DE MORAES E BARROS

Ao tempo da *Estética* ainda estudante de Medicina, primo de Prudente, a quem este pediu que figurasse no registro da revista, como co-proprietário; conseguiu o anúncio da Lacta, cuja arte foi criada por Pedro Nava.

### CENDRARS (FRÉDÉRIC SAUSER HALL, chamado BLAISE)

É, como informa o *Dictionnaire des Littératures* de Philippe Van Tieghen (Paris, PUF, 1968), um poeta e romancista francês de pai suíço e mãe escocesa, que largou os estudos para viajar pela Ásia. Foi vagabundo o resto da vida. Mesmo quando, como legionário, perdeu a mão (*La Main Coupée*, 1946) na primeira Guerra, não sossegou. Já então escrevera a poesia mais marcante da vanguarda francesa de antes da Guerra: povoara de desclassificados, vagabundos e prostitutas a solidão do seu coração nas *Pâques em New York*; e enchera de notícias transcritas de jornais os seus *Poèmes Elastiques* (1912-14). Desembarcado do "Formose" no Cais do Porto do Rio, aqui ficou um dia e foi para São Paulo, pois viera ao Brasil convidado pelos paulistas. De volta ao Rio, logo quis conhecer o Mangue, com suas mulheres, seus músicos. E a explicação pode ser encontrada em Manuel Bandeira, não tanto na ficção lírica do "Mangue" (Mangue mais Veneza americana do que o Recife/Meriti meretriz/Mangue enfim verdadeira Cidade Nova/Com transatlânticos atracados nas docas do Canal Grande/Linda com Juiz de Fora!) como nesta passagem

do prefácio do álbum *Mangue* de Lasar Segall (RJ, 1947): "O Mangue teve então a sua grande época. Os primeiros anos da prostituição foram uma festa de todas as noites. Aquilo era uma cidade dentro da cidade, com muita luz, muito movimento, muita alegria, e quem quisesse conhecer a música popular brasileira encontrava-a da melhor nos numerosos cafés da Rua Laura de Araújo, a grande artéria. Que grupinhos de choro apareciam por lá, que flautas, que cavaquinhos, que pandeiros! O valle que o diga." O francês gostava de lá ver tocar o Alfredo Diabo, que foi mais tarde para Buenos Aires, onde já estava tocando o nosso Sinhô. Bem diferente foi a visão de Vinícius de Moraes, poeta de outra geração, na sua extraordinária "Balada do Mangue" que começa: "Pobres flores gonocócicas..."). Cabe perguntar: mudaria o Mangue ou mudaria a poesia? Conta Prudente que foi Cendrars quem o apresentou, em plena Avenida, a Donga (que, já conhecia de Paris, onde o compositor andara tocando com os 8 Batutas): *Tu ne connais pas Donga? Mais il faut connaître Donga!*

Sobre Cendrars, diga-se, ainda, que foi visto por Carlos Drummond de Andrade integrando aquela Viagem Modernista a Minas e que na sua prosa fantástica, misto de realidade e ficção transcrita das fabulações que ditava no gravador, são freqüentes episódios brasileiros dos mais exóticos. O Brasil o fascinava (e ele voltou); em compensação, seu fascínio foi intenso e duradouro em tempos do modernismo.

## COLABORADORES

Todas as colaborações foram encomendadas, exceto a de Graça Aranha (como conta Pedro Dantas). E todas as colaborações pedidas foram entregues, exceto a de Rubens de Moraes. Eis a lista dos colaboradores de *Estética*, com o número e a página em que aparecem:

- \* A. C. COUTO DE BARROS (1: 45; 3: 248)
- AFONSO ARINOS SOBRINHO (1: 55; 3: 270)
- ALVARO MOREYRA (2: 157)
- AMÉRICO FACÓ (1: 86)
- ANDRADE E ALMEIDA (3: 92)
- CARLOS DRUMMOND (3: 278)
- \* GRAÇA ARANHA (1: 3; 2: 129)
- \* GUILHERME DE ALMEIDA (1: 37; 2: 145; 3: 266)
- \* MANUEL BANDEIRA (2: 165; 3: 256)
- \* MÁRIO DE ANDRADE (1: 12; 2: 133; 3: 233; 3: 296; 3: 322; 3: 332)
- \* MENOTTI DEL PICCHIA (3: 288)
- PEDRO NAVA (arte do anúncio da Lacta)
- PRUDENTE DE MORAES, neto (1: 57; 1: 92; 1: 101; 2: 159; 2: 288; 3: 267; 3: 306; 3: 318)
- PRUDENTE DE MORAES, neto & SÉRGIO BUARQUE DE HOLLANDA (2: 215; 2: 218; 2: 224)
- \* RENATO ALMEIDA (1: 23; 2: 187; 2: 210)
- RODRIGO M. F. DE ANDRADE (1: 41; 2: 213; 3: 290)
- \* RONALD DE CARVALHO (2: 143)
- \* SÉRGIO BUARQUE DE HOLLANDA (1: 29; 1: 91; 1: 98; 1: 100; 1: 104; 2: 222; 3: 272)
- \* SÉRGIO MILLIET (2: 185; 3: 259)
- TEIXEIRA SOARES (1: 65; 1: 95; 2: 193; 3: 285; 3: 328)

---

\* O asterisco marca os que haviam colaborado na *Klaxon* (1922/1923).

## CONRAD, JOSEPH

Morreu com fama mundial em 1924 e, para que não deixasse de sair na *Estética* 1 o retrospecto de sua obra por Américo Facó, foi necessário atrasar a saída da revista. Aliás o número 1 já trazia uma nota crítica de Teixeira Soares sobre *The Rover* (London, Fisher Unwin, 1923), romance da era napoleônica que foi o último a ser completado pelo grande escritor.

## DEDICATÓRIAS

São poucas na *Estética*. A Alvaro Moreyra, o conto "O Rato, o Guarda Civil e o Transatlântico", de Aníbal Machado.

A Dona Baby Guilherme de Almeida (recém-casada com o poeta), as "Danças", de Mário de Andrade. A Elysio de Carvalho (esteta, ensaísta e criador da ficha datiloscópica no Brasil), o "Noturno de Belo Horizonte", do mesmo Mário de Andrade. A Tácito de Almeida (irmão do poeta modernista: Carlos Alberto Araújo), a "Moral Quotidiana", do mesmíssimo Mário de Andrade. A Winkelman Köpke (seu amigo) Prudente dedica o poema "Baippendi". Para Tarcila, Oswald (como não raro grafavam o nome de Tarsila e Oswald de Andrade) e Mário é a dedicatória de Sérgio Milliet em "Naturezas Mortas".

## EDIÇÃO FAC-SIMILADA

Dando corpo a uma velha teoria de Eduardo Portella, de que é preciso salvar a memória cultural do Rio de Janeiro, cujos edifícios de apartamentos não permitem o seu culto doméstico, surgiu nas reuniões do Prolivro a idéia de comemorar o cinquentenário da revista *Estética* com uma edição fac-similada, nos moldes da que a Comissão Estadual de Cultura, de São Paulo, fizera da *Klaxon*. Presidida por Carlos Chagas Filho, cientista cujos padrões culturais o fazem participar ativamente dos trabalhos de Salvação de Veneza (ameaçada de afundar, com seus tesouros de arte e cultura nas águas do Adriático), o Conselho Consultivo do Prolivro não poderia deixar de acolher e alimentar a idéia. Esta se justificava literalmente com palavras de Plínio Doyle, homem de realizações e não só de sonhos, ao iniciar a série de artigos da sua "História das Revistas e Jornais Literários": "Atualmente é muito difícil saber, sem consulta direta às coleções, o que é quase impossível, mesmo nos grandes centros"... (*Revista do Livro*, RJ,

32: 33, janeiro/março 1968). O Coordenador do Pro-livro, Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho, cujo dinamismo não deixa lugar a dúvidas, assegurou ao Presidente haver meios para o apoio à iniciativa. O acadêmico Francisco de Assis Barbosa entusiasmou-se e D. Consuelo Chermont de Brito e o Prof. Sílvio Elia logo concordaram. Concordou também Prudente de Moraes, neto, não só com o projeto como também com a idéia de nos dar uma introdução que situasse a *Estética*; Sérgio Buarque de Hollanda, de viagem no Exterior, não pôde ser ouvido, infelizmente. Acertados os detalhes do planejamento, foi a coordenação gráfico-editorial entregue à competência do editor Lúcio de Abreu, da Gernasa. E deu-se andamento à produção.

## ESTÉTICA

“O próprio nome dado à revista, que a alguns pode parecer fruto de uma suposta inclinação *avant la lettre* para o esteticismo dos nossos atuais pós-modernistas, foi pura sugestão sua (de Graça Aranha)). Tenho quase a certeza de que concordamos com ele um tanto contra a vontade e na falta de melhor” — declara Sérgio Buarque de Hollanda (em entrevista ao *Estado de São Paulo*, n.º 269, de 17 de fevereiro de 1962, segundo se lê na História de Revistas e Jornais Literários, de Plínio Doyle, supracitada).

## FLINT, F(RANK) S(TEWART)

Este o nome completo do poeta londrino que na revista *The Criterion* deu notícia da *Estética*, conforme narra Pedro Dantas. Foi um dos promotores do movimento imagista, com a “unrhymed cadence” de seus poemas (*Cadences*, 1915; *Otherworld*, 1920), e, conseqüentemente, estava qualificado para apreciar a arte modernista da *Estética*, cujo teor podia entender perfeitamente porque entre as 10 línguas que lia o português tinha vez.

## GAIO MARTINS

É coisa de Prudente. O armazém que até bem pouco tempo resistiu na Praia de Botafogo, esquina de Farani, chamava-se Armazém Pão-de-Açúcar e pertencia à firma F. Martins, ao que me informa o funcionário Waldir, da Escola de Comunicação, que trabalhou anteriormente como caixeiro do armazém da firma Gaio Marti, também na Praia de Botafogo, mas esquina de Senador Vergueiro. Este cruzamento mnemônico representa a única falha do Mestre em informações sobre homens e coisas do Rio ao longo de anos de aprendizagem (minha). E será que foi, realmente, uma falha? Como diria ele próprio, uma consulta às listas telefônicas da época sanaria a dúvida. Mas cadê tempo? •

O tempo, o Mestre arranjou: foi, pessoalmente investigar na Companhia Telefônica e confirmou a correção da firma do armazém para F. Martins & Cia. telefone Sul 287, naqueles idos de 1924. Assim, preciso, é Mestre Prudente.

## GARRAUX

Era, em São Paulo a livraria em que “se encontravam todas as novidades da Europa”, como diz Oswald de Andrade, que a freqüentava desde ginasiano. Em 1924/1925 também havia lá, como novidade doméstica, os exemplares da *Estética*, conforme mostra Pedro Dantas.

## GILBERTO FREYRE

O sociólogo e homem de letras pernambucano, animador do regionalismo nordestino que reformaria a poética da narrativa brasileira, ficou conhecido na *Estética* graças à carta provocadora de seu admirador José Lins do Rego (ou seria Luís da Câmara Cascudo?) sobre o *Ulysses*, que James Joyce havia dois anos publicara em Paris e que Antônio Houaiss traduziria no Rio de Janeiro em

1966. A propósito de suas relações de companheirismo e amizade com Gilberto Freyre conta ainda Pedro Dantas a peça que pregaram os dois em Nestor Victor e Tasso da Silveira, chegados ao simbolismo e ligados no sisudo movimento da revista *Festa*. Prudente apresentou-lhe Gilberto como sendo J. J. Gomes Sobrinho (um dos dois intelectuais piauienses inventado pelos modernistas; o outro era o Esmeraldino Olympio); Gilberto tomou o pião na unha e declarou a Nestor Victor: "Queria, se possível, submeter à sua apreciação o meu trabalho, que trata de três mestres — Tobias Barreto, Nestor Victor e Graça Aranha..." E entrou a dar detalhes. Diz Prudente que Nestor Victor nunca perdoou a brincadeira.

## GRAÇA ARANHA

O consagrado mestre de *Canaã* e revolucionário autor de conferências modernistas (nem tanto) na Semana de Arte Moderna e na Academia Brasileira de Letras veio, ao tempo de *Estética*, a se tornar uma espécie de anjo-caído do movimento. De nune tutelar em 1922, quase universalmente aceito como mentor da gente nova, ascendeu à posição de homenageado do número duplo final da *Klaxon*; e a revista morreu justamente por causa disso. Foram muitos os que se insurgiram contra a homenagem, entre eles Bandeira e Ribeiro Couto: "Assim, nem ele nem eu aquiescemos em tomar parte na homenagem que a revista *Klaxon* prestou a Graça Aranha, editando um número a este dedicado. Minha recusa não implicava nenhuma quebra da admiração e estima que sempre votei ao autor de *Canaã*. Pareceu-me, porém, que a homenagem iria dar a Graça Aranha, pelo menos aos olhos do grande público, a posição de chefe do movimento no Brasil [...] O movimento estava já em plena impulsão quando Graça Aranha chegou da Europa, em outubro de 1921, trazendo-nos a sua *Estética da Vida*, que nenhum de nós aceitou" — é o que diz Manuel Bandeira no *Itine-*

*rário de Pasárgada (Poesia e Prosa II, RJ, Aguilar, 1958, p. 58.)* E em texto da época o mesmo dizia Prudente a J. Inojosa: "Discordo de uma coisa, principalmente, da expressão *trouxe para o Brasil* (a arte moderna) em que você se refere ao Graça" (carta do 05.06.25, transcrita em *O Movimento Modernista em Pernambuco*, ed. citada). É verdade que o romancista saiu da Academia, após o discurso, carregado em delírio pela moçada (Augusto Frederico Schmidt e Tristão de Ataíde, notoriamente). Mas Oswald saiu dali diretamente para combater a liderança do Mestre e fortalecer o movimento pau-brasil (cujo manifesto lançara meses antes pelo *Correio da Manhã*). E Murilo Araujo pronunciaria no Vespéral de Arte Moderna realizado no Rio, no mês seguinte, a conferência "Modernismo e Aranhismo" cujo título é significativo. Passa-se então um episódio que define bem Graça Aranha em sua circunstância: aparecendo na festa, com o seu grupo mais chegado apenas à espera de ordem sua para vaiar o orador (este me contou), Graça foi generoso. Como noticia *A Vanguarda* (23.07.24): "Falou por fim o Sr. Graça Aranha, elogiando o conferencista, a quem chamou grande e ilustre poeta e com quem declarou concordar, porque, apesar de pontos de vista diferentes, tudo aquilo afinal estava dentro do espírito moderno. E terminou congratulando-se consigo mesmo por ter provocado aquele movimento da juventude brasileira" (Ver Murilo Araujo, *Quadrantes do Modernismo Brasileiro*, RJ, 1958). Com tal fecho em semelhante circunstância não é de admirar a queda do anjo. Também na *Estética* se repete a constante: de padrinho da revista e sua atração principal, começou a criar caso antes da publicação do número 2 e se afastou depois desta. "Graça ficou sentido com os rapazes da *Estética* devido a uma nota crítica publicada na revista sobre certo livro de Ronald de Carvalho, que era seu amigo. De outra feita aborreceu-se porque um artigo seu não ia ser publicado na primeira página; ele reclamou e os diretores da revista cederam. Era quase infantilmente vaidoso o ilustre acadêmico" — comenta, com humor ainda bem antropofágico Sérgio Buar-

que de Hollanda, na entrevista ao Suplemento Literário do *Estado de São Paulo* (17.02.62.). Não admira pois a feroz, mas aguda e precisa caracterização que dele faz Mário de Andrade no paralelo Graça Aranha e Ronald de Carvalho. Nem realmente admira que este e Renato Almeida fossem os únicos modernistas a segui-lo até o fim.

## GUILHERME DE ALMEIDA

Era poeta de maior sucesso popular, obtido aos 27 anos, com *Nós* (1917), a que se seguiram dois anos depois *Messidor* e a *Dança das Horas* e logo o *Livro de Horas de Soror Dolorosa* (1920) e *Era Uma Vez...* (1922). Mais que uma espécie de Paul Geraldty (cujo *Toi e Moi* traduziu) era, por sua arte de alta sofisticação, poeta da estirpe de um Amado Nervo. Graça Aranha citara as suas "canções gregas" (que comporiam *A Fruta Que Eu Perdi*, 1924), mas ao tempo da *Estética* o poeta, que viera ao Rio casar e morar, já, dentro da mesma requintada técnica de verso livre, se voltara para a sua terra e o seu tempo. Em 1925 dará três livros definitivamente modernistas: *Meu, Encantamento* (este, nem tanto, embora constem dele poemas como "A Flor das Cinzas" e "Velocidade, lançados na *Estética* 1) e *Raça*. Mário de Andrade fez a crítica do *Meu*, na *Estética* 3. É então que Guilherme sai naquela sua série de Conferências a bordo do "Comandante Vasconcelos" subordinadas ao tema Revelação do Brasil pela Poesia Moderna. Em Porto Alegre, presentes Augusto Meyer, Luís e Pedro Vergara, Darcy Azambuja, no dia 25.09.25 as ilustrações foram "Berimbau" (M. Bandeira), o "O Poeta Come Amendoim" (M. Andrade), "Secretarias de Estado ao Luar" (C. D. Andrade), "Raça" (G. Almeida) e ainda poemas de Ronald de Carvalho e outros. A conferência foi repetida em outras cidades da costa. "Guilherme teve um grande sucesso modernista em Pelotas" — informa Bandeira em carta de 07.10.25 a J. Inojosa (*O Movimento Modernista em Pernambuco* II, RJ, 1968). E o sucesso se repetiu no Paraná, em Per-

nambuco e no Ceará. “Ia para o Rio Grande do Norte quando, soube da revolução lá em abril de 1926, papai morreu e minha vida levou um tranco” — confessaria o próprio Guilherme de Almeida, grão-senhor da cultura e opulência do modernismo em toda a costa.

### JOAQUIM INOJOSA

Foi, por indicação de Mário de Andrade, o representante da *Estética* no Recife. Ao se formar fizera uma viagem a São Paulo, onde fervia o ano de 1922; voltou modernista para o Recife. De antigo representante da *Klaxon* passou naturalmente a representante da nova revista, ao receber esta carta, datada de 19.11.24: “Meu caro Inojosa. Apresento-me: sou o Prudente de Moraes, neto, e com o Sérgio Buarque de Hollanda acabo de fundar uma grande revista modernista trimensal, a *Estética*, que tem a colaboração de todo o grupo modernista daqui e de São Paulo. Tomo a liberdade de remeter a v. 10 exemplares do 1.º n.º, para v. colocar nas livrarias daí, e, se possível, conseguir assinaturas. As indicações de preços v. encontrará na própria revista de que mando mais 2 exemplares, 1 para v., outro para o Raul Machado”. Como se vê Inojosa tinha alta cotação na bolsa literária modernista.

### JOSÉ LINS DO REGO

Era, ao tempo da *Estética*, virtualmente desconhecido no Rio, embora desde 1923, com 22 anos, já assinasse colaborações no semanário *D. Casmurro*, que Osório Borba dirigia na capital nordestina. Tornara-se amigo de Gilberto Freyre, que naquela época voltara do Exterior. A dúvida de Pedro Dantas sobre se foi José Lins do Rego ou Luís da Câmara Cascudo (é essa a sua segunda opção) o autor da carta provocadora à Redação pode ser sanada: que fale Cascudo, lá de seu sossego dileto em Natal.

## JOSÉ OLYMPIO PEREIRA

O maior editor do Brasil aparece na crônica de Pedro Dantas como o "seu" José, da Garraux, o braço direito das vendas em São Paulo. Nascera em Batatais, viera menino para São Paulo e desde os 15 anos era empregado da Livraria Garraux, onde chegou a gerente. Estabeleceu a livraria José Olympio em 1931 em São Paulo, quando comprou para vender a varejo a biblioteca do jurista Alfredo Pujol, cujo *Machado de Assis* editaria. Em 1934 transferia-se para a Rua do Ouvidor, no Rio, como a Livraria Editora que cresceria até chegar a ser o que é hoje. Walmir Ayala conta essa história em "José Olympio: A Literatura Viva" (*Correio da Manhã*, RJ, 10.12.66).

## KLAXON

Foi a antecessora direta da *Estética*, que dela recebeu o bastão do modernismo, que haveria de passar para *A Revista*. Descendente da *Semana de Arte Moderna*, viveu de maio de 1922 a janeiro de 1923, o espaço de nove números. E das páginas mais agitadas da *Klaxon* sobraram para as páginas ponderadas da *Estética* Sérgio Buarque de Holanda (representante da revista paulista no Rio e diretor da carioca), Guilherme de Almeida, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Couto de Barros, M. Bandeira Sérgio Milliet, Renato Almeida e Graça Aranha. O trânsito deles continuaria para *A Revista* e as revistas modernistas posteriores.

## LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Grande nome das letras e do folclore no Nordeste, pode ter sido o autor da carta de provocação à *Estética* a propósito do *Ulysses* de Joyce. A dúvida é de Pedro Dantas, cuja outra opção é José Lins do Rego como autor. Naquela época Cascudo

publicava as *Histórias que o Tempo Leva*, com prefácio de Rocha Pombo. Mas logo antes e depois fez crítica literária: *Alma Patrícia* (1921) e *Joio* (1927). Que fale, pois, agora, a sua lúcida memória de 76 anos.

## MANUEL BANDEIRA

Tinha 35 anos quando saíram na *Estética* os seus poemas "Camelots" e "Comentário Musical" (no número 2) e "O Cacto", "Mulheres", "Não Sei Dançar" e "Pensão Familiar" (no número 3). Os primeiros, apesar de datados de 1924, não foram incluídos nas *Poesias* que nesse ano de briga dos modernistas com a Academia de Letras lhe publicou a Revista de Língua Portuguesa, de Laudelino Freire (ultra-acadêmico). Conta Bandeira que, não achando editor (nem Lobato, sequer), para as suas *Poesias*, quem lhe valeu e convenceu Laudelino foi Goulart de Andrade, justamente um dos "Sapos" parnasianos tão ridicularizados pelo poeta no poema popularizado pela Semana de Arte Moderna. Os poemas da *Estética* seriam incluídos, com modificações, em *Libertinagem* (1930), modelo de poesia modernista brasileira. "Foi por intermédio dele" — explica o poeta no seu *Itinerário de Pasárgada*, falando de Ribeiro Couto — "que tomei contato com a nova geração literária do Rio e de São Paulo, aqui com Ribeiro Couto, Alvaro Moreyra, Di Cavalcanti, em São Paulo com os dois Andrades, Mário e Oswald, quando Mário veio ao Rio para ler em casa de Ronald e depois em casa de Olegário Mariano a sua *Paulicéia Desvairada*, ainda inédita", (*Poesia e Prosa I*, RJ, Aguillar, 1958, p. 52). Confessa ainda o poeta que os amigos lhe vieram em cadeia, a partir de Ribeiro Couto, seu vizinho em Santa Teresa, e fechando (se é que algum dia fechou-se) exatamente com Sérgio Buarque de Hollanda e Prudente de Moraes, neto, que, em prosa e verso, transformaria em sobrinho e admiração. Isso sendo ele quem era: "Numa poesia emocionante pela simplicidade de expressão, acolhendo mil símbolos fiéis, "O Cacto", o último ver-

so diz bem o ritmo atual de Manuel Bandeira *Era belo, áspero, intratável*. Aliás se dá mesmo uma luta permanente entre essa essência *intratável* do indivíduo Manuel Bandeira e o lírico que tem nele” — como diz Mário de Andrade ao olhar *A Poesia* em 1930, nos *Aspectos da Literatura Brasileira* (SP, Martins, 1943, p. 29).

## MÁRIO DE ANDRADE

Está presente em todos os números da *Estética*. Tem 31 anos quando publica as “Danças”, no número 1. Este microensaio (desentranhado dos *Aspectos da Literatura Brasileira*, SP, Martins, 1943, p. 31) fala por si: “Nos poetas românticos o tema do exílio e do desejo de voltar é freqüente. Com o neo-romantismo dos nossos parnasianos, o tema das barcas, das velas que partem “e não voltam mais” foi substituindo a ave que voltava ou queria voltar ao ninho antigo. No neo-neo-romantismo dos contemporâneos o desprendimento voluptuosamente machucador, a libertação da vida presente, que se resume na noção de partir, agarrou freqüentando com insistência significativa a poesia nova. Isso se nota não tanto nas poesias de viagem, comuníssimas em qualquer dos nossos versolivristas, como pela declinação clara do desejo de partir. Em Augusto Frederico Schmidt esse desejo de partir [...] é uma obsessão constante. Ora em Manuel Bandeira, o fenômeno se particulariza mais pelo emprego da própria frase “vou-me embora” [...], obsessão da quadra popular nacional [...]. portuguesa [...], ibérica.” [Mas a noção de partir, o vou-me embora português como tema da partida, é traduzida por “adeus” (saudosista) — ao passo que entre nós será, mais egoística e desamorosa, convertida no sentimento de abandonar aquilo em que se está. Desejosos de resolver a vida cotidiana numa prática de felicidade, mas] “incapazes de achar a solução, surgiu neles (os poetas) essa vontade amarga de dar de ombros, de não se amolar, de *partir* para uma terra de libertações morais e físicas. Vontade tran-

sitória, episódica, não tem dúvida, mas importante, porque esse não-me-amolismo meio gozado deu alguns momentos significativos da poesia e da evolução espiritual de certos poetas contemporâneos brasileiros. Em última análise, o tema do "vou-me embora pra Pasárgada" é o mesmo que está cantado nas "Danças", de Mário de Andrade, e em especial é o que dita o diapasão básico dos *Poemas de Bilu*, de Augusto Meyer. Se percebe o eco dele em alguns poemas de Sérgio Milliet e de Carlos Drummond de Andrade, para enfim se transformar de estado-de-espírito em constância psicológica, já independente da consciência, em toda a obra de Murilo Mendes". Sobre essas mesmas "Danças" já escrevera longamente, confrontando-as com o "Noturno de Belo Horizonte", a Drummond: "Revelam para quem souber olhar um sofrimento muito doído. Não há alegria nenhuma nelas. Só o Graça com a mania de pregar a alegria vê alegria ali. Elas são dolorosas, perversas, um mau momento que passou, um tumor que esvaziei. Compare-as com o "Noturno" e verá se o esvaziei inteiramente ou não. Se você encontrar um laivo de amargura ou perversidade no "Noturno" me diga porque hei-de apagá-lo imediatamente. Ironia, tem. Essa ironia brincalhona de amoroso, de camarada, mas perversidade não. O cinismo continua, mas cada vez se apura mais, é um que-bem-me-importa! que me deixa sem-vergonha, com essa heróica beleza de afirmar: Deus existe. A mulher existe. A esperança existe. A Pátria amada existe. Suponhamos que não existam. Mas a felicidade não está na existência ou na inexistência deles, está na afirmativa, na crença, em nós" (Suas Cartas, nas *Confissões de Minas*, de Carlos Drummond de Andrade, *Obra Completa*, RJ, Aguilar, 1964, p. 537). Na "Carta Aberta a Alberto de Oliveira", que, como o "Noturno de Belo Horizonte" aparece na *Estética 3*, há uma passagem em que se coloca o problema geracional dos modernistas nessa hora de auto-crítica: "Estamos fazendo isto: tentando. Tentando dar caráter nacional para nossas artes. Nacional e não regionalista". Sobre o texto que vem na *Estética 2* e Mário incluiu na *Obra Imatura*, Pedro

Dantas na página mais Pedro Dantas que já produziu (Mário de Andrade Poeta e Crítico. *Jornal do Brasil*, Livro 3 (29), 26.05.73) declara que sendo uma das duas únicas incursões do poeta nos domínios da arte dramática, “a tragédia Moral Quotidiana, principalmente (*Juro que é tragédia*’, diz em nota o autor), misto de pantomina e *lever de rideau*, é de uma técnica excepcional, em nossa literatura dramática. Registramo-lo, por acreditar que ainda não tenha sido assinalada à atenção dos estudiosos do gênero”. No discurso pronunciado na homenagem (póstuma) promovida pela Associação Brasileira de Escritores a Mário de Andrade (*Revista de O Jornal*, RJ, 27, 27 de maio 1945), Prudente de Moraes, neto, dirigindo-se ao presidente da ABDE, Sérgio Buarque de Hollanda, evocou os tempos da *Estética*, “em que Mário de Andrade publicou dois dos seus melhores poemas, além de notas e trabalhos críticos da maior significação, como por exemplo a Carta Aberta a Alberto de Oliveira”. E conta como, numa das notas críticas que muitas vezes escreviam de parceria e assinavam juntos (exatamente a que se refere a Oswald de Andrade, *Memórias Sentimentais de João Miramar*, no número 2), fizeram uma referência ao sempre admirável Mário de Andrade. Este logo protestou (sempre admirável era besteira: ninguém é). “Respondi-lhe por carta e na revista. Mário publicara então seu magnífico ensaio sobre a poesia moderna, *A escrava que não é Isaura*. Criticando-o, na *Estética*, reafirmei o juízo anterior. Aliás nessa mesma crítica teve início nova discussão, que nunca perdemos oportunidade de retomar, esta, relativa à necessidade de comunicação, que o poeta considerava, no aludido ensaio, como um dos elementos essenciais à criação artística em geral e a criação poética, em particular, o que não me parecia verdadeiro, atribuindo-se à necessidade de comunicação o valor da definição proposta na *Escrava que não é Isaura*. Na verdade — não tardamos a descobri-lo — estávamos muito menos separados do que podia parecer. Um nada, mas intransponível. E ainda numa das últimas vezes que veio ao rio, Mário de Andrade o lembrava, pro-

pondo, numa conversa de "bar": — "Vamos recommençar aquela nossa discussão do tempo da *Estética*? Você estava e-rra-díssimo". Globalmente, a presença do grande escritor no contexto da *Estética* revela traços latentes da preponderância do crítico sobre o poeta, como bem mostra aquela página definitiva de Pedro Dantas sobre "Mário de Andrade Poeta e Crítico": "Quem o diria ao tempo da *Paulicéia* e dos importantíssimos poemas que se seguiram — Danças, Noturno de Belo Horizonte, Carnaval Carioca? Ao tempo, ainda, de *Macunaíma*? Sim, em certo sentido, também eram críticos esses poemas. Talvez fossem, até, principalmente críticos, em seu impulso e impacto. Entretanto, sob as investidas intelectualizantes da consciência crítica transparecia e agitava-se a vigorosa criatividade poética de Mário de Andrade".

#### MENOTTI DEL PICCHIA

Tinha 33 anos quando incluiu em *Chuva de Pedra* os poemas "Baía da Guanabara" e "O Beco", publicados ambos na *Estética* 3. Os poemas estão datados do Rio, em julho, e o livro saiu em novembro pela Editorial Helios (do próprio). As crônicas de Helios, no *Correio Paulistano*, aliás, constituem a história do dia-a-dia modernista na fase heróica, em São Paulo. Já autor de *Juca Mulato*, *Moisés*, *Máscaras* e *Angústia de D. João* (a que Monteiro Lobato dava grandes tiragens), já romancista de nome, esse irrequieto jornalista estivera em todos os momentos do modernismo até à data: na Bandeira Futurista que foi ao Rio em outubro de 1921, quando Mário de Andrade leu a *Paulicéia Desvairada* (na casa de Ronald e depois, na de Olegário Mariano); na própria Semana de Arte Moderna, de que foi um dos conferencistas; na oposição ao manifesto da poesia pau-brasil, (lançado por Oswald de Andrade no *Correio da Manhã*, RJ, 18.03.24). Os poemas de 1924 ele os recolheu em *Chuva de Pedra* cujo colofão reza: "Este é o primeiro volume da série "Novíssima", desti-

nada a fixar o atual momento literário modernista, seguindo-se-lhe em breve *Discurso às Estrelas* de Plínio Salgado, *Borrões de Verde e Amarelo* de Cassiano Ricardo e outros". Dedica o livro a Antonieta Rudge Miller e no Prefácio esclarece: *Chuva de Pedra* é meu primeiro livro de versos. Não conto como tais meus poemas. Com sua estrutura traçada sobre plano premeditado, não representam, como estas poesias, os vários flagrantes emocionais do meu espírito em transe lírico, nem a irrequieta fixação de um estado de alma diante da paisagem".

## ORTOGRAFIA

De cada um, como as idéias, a ortografia da *Estética* é, no entretanto, mais caótica do que aquelas, chegando a concorrer, lado a lado, sistemas como o etimológico e o simplificado. O exemplo da página de abertura é como um prenúncio (à maneira dos contos de Borges) da dissensão que crescerá com o volume da revista: ao alto o título ESTÉTICA em contraste gritante com a ESTHETICA do velho Graça Aranha. Outros exemplos doem, poucos porém como as "exceções" dos próprios diretores (p. 221). E há ainda os que são contribuições *reais* do tipógrafo, sem que contudo a (por tantos erros exemplar) página do Sumário do número 3 seja a regra.

## OSWALD DE ANDRADE

Seria a grande ausência nos três números da *Estética*, se não fosse autor de colaboração programada para o n.º 4, que não chegou a sair. "A grande queixa de Oswald com relação a seus companheiros de aventura literária era que o omitiam sempre. E porque o omitissem, passava à ofensiva mais rude. Às vezes, atacava antes da omissão, como se a previsse. Pelo menos se persuadia de que não era injusto" — informa Carlos Drummond de Andra-

de em *Fala Amendoeira*, que diz mais: construiu toda uma filosofia da vida, e uma teoria sociológica, para justificar o exercício de sua tendência ao sarcasmo. Apelidou isso de antropofagia, e viu no homem um ser devorador por excelência, tanto mais justificado, histórica e psicologicamente, quanto mais deglute o seu semelhante. No dia em que o ser humano deixa de comer o próximo, a civilização entra em declínio, e se instalam, com o patriarcado, o messianismo e os valores burgueses em geral". Literariamente, essas seriam as idéias que o levaram ao Manifesto Antropofágico (na *Revista de Antropofagia* 1, maio de 1928). Na época da *Estética* sua poesia é a do *Pau-Brasil*, de que extrai por processos poéticos importados de Paris a cor local do primitivismo brasileiro, caboclo e colonial, e sua prosa passa da fase esteticista de *Os Condenados* para o experimentalismo sensacional das *Memórias Sentimentais de João Miramar* (com uma epígrafe de Basílio da Gama: Possa entanto / Acostumar ao vôo as novas asas, / em que um dia vos leve"; e outra de Vieira: "E se achar que falo escuro não mo tache, porque o tempo anda carregado; acenta uma candeia no entendimento..."). A construção faz-se no espírito do leitor como à época, na *Estética* 2, discerniu Prudente de Moraes, neto: "Oswald fornece as peças soltas. Só podem se combinar de certa maneira. É só juntar e pronto". E isso, acrescenta-se, vale também para a poesia de Oswald de Andrade.

## PEDRO NAVA

Autêntico bissexto modernista, foi o representante da *Estética* em Minas Gerais. "Conheci Nava há bem trinta anos, em Belo Horizonte, adolescente, magro e desenvolvido, tão ágil no corpo quanto no espírito. Foi a agilidade do corpo, mas a outra persiste em grande forma. Naquele tempo não se poderia dizer em que daria o Nava: se grande poeta ou grande pintor (fundou, com Carlos Drummond de Andrade e outros, a *Revista*, que foi foco de irradiação modernista em Minas, e ilustrou um

livro de poemas de Austen Amaro). Como poeta, limitou-se às atividades de bissexto, mas metendo inveja aos contumazes, pois "O Defunto" e "Mestre Aurélio Entre as Rosas" são poemas que os melhores poetas do mundo gostariam de ter escrito (o primeiro, "O Defunto", foram os versos que mais impressionaram o grande Neruda, quando ele andou por aqui)... "O Defunto" é Nava cem por cento, não o Nava de hoje, chegado a porto seguro na companhia de Nieta, mas o Nava abafado da tempestuosa mocidade, o Nava que ia afogar suas angústias e o seu medo da morte nas cervejadas do *Danúbio Azul* — diz Manuel Bandeira em 1956 na Flauta de Papel (*Poesia e Prosa*, II, p. 425). Esse *Danúbio Azul*, na Lapa boêmia que acabou este ano (1974), é na crônica na viana o antecessor do *Westphalia* ou do *Lidador*, a bordo dos quais, entre brahmas, entre brumas, vamos encontrá-lo quando Vinícius, nas garras da Cachorra, compõe a "Balada de Pedro Nava" (*Obra Poética*, RJ, Aguilar, 1968, p. 289). E aos dotes pictóricos de Nava se deve o fato de Prudente lhe ter pedido para fazer o anúncio do Chocolate Lacta e do Guaraná Espumante (a exemplo do que fizera Guilherme de Almeida na *Klaxon*). Assim, até em publicidade, é criador o Nava, de fato.

## PROMOÇÃO

Encartes de páginas coloridas são dedicados à publicidade e promoção. Anunciam, numa página de auto-promoção as "próximas colaborações de Tristão de Ataíde, Agripino Grieco, Américo Falcó, Luiz Aranha, Rubens de Moraes, Carlos Alberto Araujo, Ribeiro Couto e outros". Em duas outras páginas se faz a promoção da patota modernista, anunciando-se: **BREVEMENTE:** *Raça*, poema de Guilherme de Almeida • *Toda a América*, poema de Ronaldo de Carvalho • *Chuva de pedras* (sic), poema de Menotti del Picchia • *História da música brasileira*, de Renato Almeida. **EM TODAS AS LIVRARIAS:** *Paulística*, de Paulo Prado • *Espí-*

*rito Moderno*, de Graça Aranha • *A escrava que não é Isaura*, de Mário de Andrade • *Poesias*, de Manuel Bandeira • *Epigramas irônicos e sentimentais*, de Ronald de Carvalho • *Domingo dos séculos*, de Rubens de Moraes • *Poemetos de ternura e melancolia*, de Ribeiro Couto.

## PUBLICIDADE

Os anúncios, impressos em preto sobre papel manilha azul-cinza, são os do Chocolate Lacta e Guaraná Espumante e os dos Charutos Dannermann. Estes tiveram clichê já castigado pelo uso, fornecido pelo anunciante: daí a reclamação de Pedro Dantas. Cada um deles rendeu pela inserção, nos três números saídos, a quantia de 500\$000 (quinhentos mil réis) pagos contra a publicação. Pedro Dantas dá os detalhes da obtenção e da produção. Observe-se, porém, que não deixa de ser curioso o anúncio do Chocolate e do Guaraná depois de terem sido atacados pela *Klaxon* (quando suspenderam a publicidade na revista paulista): "Os nossos leitores devem lembrar-se que lhes recomendamos como produtos magníficos da nossa indústria: o chocolate Lacta e a bebida Guaraná. Efetivamente tanto um como outra eram magníficos. Acontece porém que se tornaram detestáveis". É ainda curioso, também, que nos "out-doors" com que acaba o "Noturno de Belo Horizonte" (*Estética* 2) Mário de Andrade (tão klaxonista) incluam o LACTA e o GUARANÁ ESPUMANTE.

## PRUDENTE DE MORAES, neto

Tinha 20 anos e era ainda estudante (de Direito) quando, com seu colega Sérgio Buarque de Hollanda, lança a revista *Estética*, em setembro de 1924. Meses antes, por ocasião da Conferência de Graça Aranha que dera em discurso pró modernização da Academia Brasileira de Letras, publicara no *Rio-Jornal*, de Georgino Avelino, uma nota mo-

modernista que provocara resposta (atribuída ao acadêmico Humberto de Campos) no matutino *O Imparcial*. “Foi [...] na seção de crítica de *Estética* que Prudente de Moraes, neto, lançaria os fundamentos de uma grande reputação de crítico, atividade que, infelizmente, abandonou cedo demais” — afirma Wilson Martins ao julgar *A Crítica Modernista* (em *A Literatura no Brasil*, obra monumental publicada sob a direção de Afrânio Coutinho, que dedica o volume 5 ao estudo do Modernismo). Também Manuel Bandeira em mais de uma crônica de sua *Poesia e Prosa* (RJ, Aguilar, 1958) lamenta o afastamento de Prudente que na *Homenagem a Manuel Bandeira* (RJ, 1936) contribuíra com uma nota fundamental, que lhe revelara na expressão “acre sabor” (usada por Bandeira no poema “Desencanto”) “a nota mais pessoal e característica de toda a minha obra poética” — como diz naquela página intitulada “Meu Sobrinho Prudente”, que começa com uma definição antológica: *os amigos são parentes que a vida nos concede fora dos laços de sangue*. O afastamento de Prudente, porém, nunca foi total; na realidade trata-se de bissexto, não só na poesia (v. a *Antologia Brasileira dos Poetas Bissextos Contemporâneos*, de Manuel Bandeira, onde se destaca “A Cachorra”, de 1938) como também na prosa, tanto no conto como na crítica. Aliás, o crítico contumaz (“Pedro Dantas saiu-me com esse ‘contumaz’, que é perfeito, singular, raro e elegantíssimo” em oposição ao ‘bissexto’ — confessa Bandeira, inventor desta última categoria), o crítico contumaz Antônio Cândido já tinha percebido o bissexto do crítico Prudente quando, justamente ao fazer a crítica à *Apresentação da Poesia Brasileira* (no *Diário de São Paulo* de 07.03.46), em que o poeta Manuel Bandeira fizera crítica por seu turno, salienta não serem de um Tristão de Ataíde, de um José Veríssimo, de um Álvaro Lins as páginas mais penetrantes, os conceitos mais brilhantes, as idéias mais reveladoras sobre a nossa literatura, mas sim de um Machado de Assis, um Mário de Andrade, um Carlos Drummond, um Manuel Bandeira. E acrescenta: “Se Mário de Andrade é um crítico per-

feitamente caracterizado, como outros de igual valor que fazem no gênero estações periódicas (Pedro Dantas, Sérgio Buarque de Hollanda, Sérgio Milliet), os demais apenas circunstancialmente analisam um livro" (Manuel Bandeira. *Poesia e Prosa*, RJ, Aguilar, 1958. v. 2, p. 891). Nesta obra (p. 170) narra Bandeira em velha passagem das *Crônicas da Província do Brasil* (1936) um episódio em que retrata o sobrinho crítico: deu-se o caso que "o antropófago paulista [Oswald de Andrade] que certa vez chamou a Antônio de Alcântara Machado o *França Júnior do modernismo*, teve intenção de menoscabar a ambos. Muita gente se riu com a perfídia, muita gente que nunca lera França Júnior (...). Mas Pedro Dantas não riu. Ele nunca ri sem saber bem do que ri, como ri e porque ri. É um poeta, — está-se vendo logo que é um poeta e excelente — mas é ao mesmo tempo esta coisa mais rara — um espírito crítico. Precisamente o que constitui o singular encanto de tudo o que ele escreve é esse constante equilíbrio entre a inteligência e a sensibilidade. Sente-se atrás do escritor um homem com saúde e com caráter. Pedro Dantas ouviu a pilhéria do antropófago, refletiu que ainda não conhecia França Júnior, — conhecia o outro, o admirável Antônio de Alcântara Machado, e sabia que daquilo tudo poderia resultar que o folhetinista esquecido valesse a pena de ser lido. Como de fato valeu. E eis o nosso Pedro Dantas desmontando metodicamente, com precisão e vagares, a pilhéria antropófaga, o riso da galeria, o comentário da *Pequena História da Literatura Brasileira*, sempre com aquele ar pachorrento de quem é capaz, como o Príncipe do Fogo, de *vos suscitar grandes peixes mansos...*" Esse *Príncipe do Fogo* era o título dado por Febrônio (cuja anormalidade o transformara em espantalho dos garotos do Rio de Janeiro e o levava à cadeia) a um folheto de sua lavra, que no fim da vida vendia nos cafés e bares da cidade e cujo realismo-mágico encantou os modernistas, e Cendrars mais ainda; a frase citada se tornou uma espécie de lema-piada que todos os modernistas da *Estética* até hoje ainda se divertem em dizer de

cor. Quanto ao estudo que Prudente fez de França Júnior (escritor que, na realidade e por influência paterna, lera antes mesmo de entrar para o Colégio Pedro II em 1917) foi ele publicado no jornal *A Província*, que Gilberto Freyre dirigira no Recife, antes da Revolução de 1930; foi nesse artigo que pela primeira vez se assinou Pedro Dantas. Já não tem 20 anos. Já não será capaz de frases como aquela, de estréia: "Os acadêmicos são fósforos de cera, dão azar e não acendem. Não têm cabeça". É um ser reflexivo, acima de tudo, mas não é um chato. Conserva dos tempos do modernismo aquele dom, que louvou Bandeira, de ficar "meia hora, uma hora, falando de poesia, de samba, de corrida de cavalo — de tudo que *non é una cosa seria!*"; mas não fala por falar. Por isso pode ser jurista e jornalista, sabendo o que faz, equilibradamente. Por isso "os meninos amestrados de Prudente" (na Universidade do Distrito Federal, no *Diário Carioca* e no *Diário de Notícias*) andam por aí tudo [sem alusão ao poetinha Vinícius de Moraes, também]. E Pedro Dantas continua. Lúcido, varão, Prudente. Saravá, meu mestre!

## RENATO ALMEIDA

Baiano de Santo Antônio, tinha 29 anos, era amigo de Ronald de Carvalho, em cuja casa assistira em 1921 à leitura da *Paulicéia Desvairada* por Mário de Andrade, e, acompanhando Graça Aranha, participara da Semana de Arte Moderna em 1922, onde cancelou a leitura de "O Sentido Novo da Filosofia no Brasil", devido ao tumulto. Desde então será, com Ronald um seguidor fervoroso das idéias de Graça Aranha, a quem acompanhará até a morte (precisamente três quartos de hora antes desta, como conta Manuel Bandeira em "Graça Aranha", uma das *Crônicas da Província do Brasil*, já citadas). Na *Estética 1* seu assunto é Graça Aranha e o objetivismo dinâmico. Na *Estética 2* fala da filosofia de Vaihinger e dá uma nota sobre Anatole France, que vinha de morrer fisicamente. Ten-

do estreado em 1917, sua obra de maior sucesso à época, o *Fausto* (RJ, Anuário do Brasil, 1922), já revelava a preocupação filosófica e ensaística; por isso mesmo a sua *História da Música Brasileira* (mesmo editor e data) é, se bem que menos modesta, no título, obra muito mais pensada que a feliz compilação chamada *Pequena História* (1919) de seu amigo Ronald. Em *Velocidade* (1932) reuniu suas idéias no campo da teoria literária. Depois foi desviado da literatura por suas funções burocráticas no Itamarati e pelo surpreendente interesse com que se dedicou à *Inteligência do Folclore* (1957) e à campanha de defesa no mesmo. Pensando bem, nem tão surpreendente: também Graça Aranha foi da *Estética da Vida*, pelo *Esprito Moderno*, à *Viagem Maravilhosa*...

#### RODRIGO M. F. DE ANDRADE

O Melo Franco também que tão ciosamente se escondia atrás das iniciais era bem mineiro, no jeito de ser e de trabalhar em silêncio, sem prejuízo da educação parisiense nos agitados anos de 1910-14.

Quando publica, aos 26 anos, a "Ode Pessimista" (na *Estética* 1) já fazia parte do grupo modernista carioca também, sendo um dos amigos de toda a vida de Bandeira e Prudente. Aquele o incluiria, justamente por causa da Ode, "que tanta discussão suscitou na roda dos colaboradores da revista", na *Antologia dos Poetas Bissexto's Contemporâneos*. Aliás na crônica "Poetas Bissexto's", Bandeira (*Poesia e Prosa* II, p. 1298) confessa que "Pedro Dantas sentiu-se roubado quando atribui à *Revista do Brasil* a publicação da "Ode Pessimista" de Rodrigo M.F. de Andrade. Ora, a ode saiu foi na revista *Estética*..." Explica-se o engano: a *Revista do Brasil* (na fase em que foi dirigida por Rodrigo M. F. de Andrade: 1926-1927) teve como secretário Prudente de Moraes, neto, que dirigira a *Estética*. Prudente voltaria a trabalhar sob a direção de Rodrigo quando este organizou e com inexcedível de-

dicação e competência dirigiu por mais de 30 anos (1936-68) o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ideado pelo Ministro Gustavo Capanema e planejado por Mário de Andrade. Sem prejuízo dos seus estudos de história das artes brasileiras, de algumas páginas de crítica (como a que prefacia nova edição da *Luz Mediterrânea* de Raul de Leoni) e da singular "Ode Pessimista", Rodrigo M.F. de Andrade tem lugar definitivo nas letras com o livro de *Velórios*, contos que reuniu em 1936 (BH, Amigos do Livro) e cuja terceira edição só agora, morto o autor, sai a lume. Tanto podia a sua rigorosa modéstia.

### RONALD DE CARVALHO

Aos 32 anos, põe nos poemas "Jogos do Tempo" e "Mercado de Trinidad" traços da sua experiência de *Jogos Pueris* e *Toda a América*, obras de esteta e diplomata (como Graça Aranha, seu mestre e chefe) que, nas caprichadas edições cariocas da Typ. Pimenta de Mello seriam em 1926 como que a sua tréplica material à defesa da indústria do livro que fizera a *Revista do Brasil* (SP, 63:276, mar. 1921) ao tomar conhecimento do seu protesto contra "essa aluvião de monstrenhos que se avolumam nos mostruários das livrarias nacionais" (como se lê em Mário da Silva Brito, *História do Modernismo Brasileiro* I, 2. ed., RJ, Civilização Brasileira, 1964, p. 157). *Jogos Pueris*, aliás, continuava *Epiграмas Irônicos e Sentimentais* (RJ, Anuário do Brasil, 1922), na melhor aliança entre a inteligência, a vida e o coração. Mas em 1923 uma segunda edição dos parnasianos *Poemas e Sonetos* (que haviam sido premiados pela Academia de Letras, em 1919, juntamente com a *Pequena História da Literatura Brasileira*, tornada clássica pelo equilíbrio e o bom gosto com que se serviu das anteriores) já era indício contrário ao autor. Assim quando de volta do México, onde fora como convidado de honra, e publica os *Estudos Brasileiros* (que andara

por lá fazendo em conferências, Prudente e Sérgio, na nota crítica de *Estética 2* (p. 215) consideraram que “seria talvez preferível que esses *Estudos* aparecessem em espanhol, no México, onde poderiam prestar muito bom serviço de informações”. A repercussão da nota foi comentada por Manuel Bandeira em carta de 23.04.25 a Inojosa (que a publica em *O Movimento Modernista em Pernambuco II*, RJ, 1968): “Por aqui os arraiais modernistas andam meio conflagrados com a crítica que os rapazes da *Estética* fizeram do último livro do Ronald. Eles disseram coisas justas, mas de um modo um tanto irreverente. Ronald ficou na trouxa. Graça e Renato acompanharam-no. Por que Ronald não chamou o livro *Conferências no México?*” Antes, ao mesmo Inojosa, em carta datada da Fazenda Atalaia, 27.06.23, Rubens Borba de Moraes havia escrito: “Passei em maio uns quinze dias no Rio. O Ronald, que v. já deve conhecer pessoalmente, estava preparando as conferências do México. Li-as todas se garanto que são das melhores coisas do Ronald”. Os críticos da *Estética* haviam terminado a nota com um paralelo entre a clareza que Ronald conserva sempre e a confusão dos modernistas causada pela excessiva agitação interior: “O sr. Ronald de Carvalho, temperamento profundamente clássico, caracteriza-se ao contrário por uma grande serenidade. Diz tudo o que quer. Só o que quer. Seu pensamento e sua forma coincidem. Adaptam-se. Isso lhe assegura uma posição única na nossa literatura atual”. Mas os rapazes da *Estética* foram uns anjos, quando se considera o que Mário de Andrade disse num ensaio de 1932 (p. 48 dos *Aspectos da Literatura Brasileira*, 4. ed. cit.): “Ronald de Carvalho, por tudo o que tem sido a sua atuação e obra literária, é o tipo que joga no certo; talvez mesmo ele seja um protótipo exageradamente perfeito do malandro intelectual. Graça Aranha, exatamente o contrário: passando de ‘subjetivismo dinâmico’ a ‘objetivismo dinâmico’; pregando ‘liberdade absoluta’ e se condoendo com os que o traíram no caso da *Viagem Maravilhosa*; amoral e exigente de moralidade; fingindo acredi-

tar na Academia e brigando sério com a Academia; certo de si mesmo, vaidoso, ambicioso, ruim sem nunca ser perverso; cuidadoso sem não se prejudicar mas se prejudicando a todo instante, por uma generosidade intelectual irregular mas insospitável: Graça Aranha é o tipo, não exagerado, do virgem. Talvez ele tenha um bocado exageradamente permanecido na volúpia de desvirginizar-se, no direito de errar... Mas é um rio. Ronald de Carvalho é um camélia branca."

## RUBENS DE MORAES

Convidado para colaborar na *Estética*, não o fez, pensa Prudente de Moraes, neto, "por pura preguiça". Preguiça de escrever, bem entendido, porque ninguém trabalhara mais na *Klaxon* que esse fazendeiro educado em Paris e Genebra. Naquele ano de 1924 fundara, com Tasso da Silveira, no Rio a editorial Candeia Azul, cujos volumes de pequeno formato, muito bem impressos pela Tip. do Anuário do Brasil, começariam a ser lançados imediatamente: *Natalika*, de Guilherme de Almeida, *Noites de Caliban*, de Teixeira Soares e *Domingo dos Séculos*, do próprio Rubens. E com o nome completo, Rubens Borba de Moraes, ganharia depois renome, aparecendo no *Who's Who* como organizador e co-autor da mais completa *Bibliografia Brasileira*, como diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo, reformador da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e diretor (aposentado já) da Biblioteca da ONU em Nova York. Naquele ano de 1924, aos 25 anos de idade, porém, sua veia era literária e bem modernista. Assim era, por exemplo, ao scandalizar as almas bem comportadas (como a de Murilo Araujo, que conta o fato na conferência "Modernismo e Aranhismo") com aquela sua declaração de que podia "falar de cadeira sobre o futurismo porque foi quem o trouxe da Europa". E fora mesmo (só que com outros companheiros também)...

## SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA

Com 22 anos em 1924, estudante de Direito, como Prudente, de quem se tornara amigo quando já tinha fama e trânsito literário. Em 1920 previra (no *Correio Paulistano* de 22.04.20) que a originalidade literária brasileira seria acelerada pela "inspiração em assuntos nacionais". Em 1921 havia afirmado que os futuristas de São Paulo "não se prendem a Marinetti", em artigo (no *Fon-Fon* de 10.12.21) a que se refere Menotti del Picchia em crônica sobre "O Movimento Literário Paulista" (no *Correio Paulistano* de 13.12.21), sendo que o artigo é coincidente com o verso da *Paulicéia Desvairada* em que Mario de Andrade declara: "Não sou futurista (de Marinetti)", provavelmente em protesto (antecipado ou não, não importa) contra "O Meu Poeta Futurista", artigo com que o saúda Oswald de Andrade e que provoca a sua resposta pela imprensa: "Futurista?!" Em 1923 (na seção "Literatura nos Estados", no número de julho de *O Mundo Literário*) Sérgio Buarque de Hollanda proclamava: "o passadismo morreu." Em 1924, à raiz do Discurso de Graça Aranha na Academia, proclamava Sérgio em *O Brasil* (jornal de Almeida Brito, de que era redator Peregrino Júnior) que "é preciso descoelhonetizar a literatura", com réplica de Coelho Neto e tréplica de sua parte. Nessa época foi visto em plena Avenida Rio Branco com um galo em baixo do braço e comendo uma maçã; não foram atitudes como essa, no entanto, que lhe deram fama maior entre os modernistas, mas ficções como "O Automóvel Adormecido no Bosque", talvez o melhor conto nunca escrito da nossa literatura, como o *João Ternura*, romance famoso de Aníbal Machado, muito melhor enquanto não foi escrito. Em 1924, na *Estética* 1, Sérgio Buarque de Hollanda faz o elogio de Graça Aranha como "Homem Essencial" e dá notas críticas sobre Ribeiro Couto, Cendrars, A. Droin e Panait Istrati. Em 1925, na *Estética* 2, estuda o *Domingo dos Séculos*, de Rubens de Moraes, enquanto na *Estética* 3 traça "Perspectivas", ficando inédito um estudo seu sobre Jacques Rivière

(anunciado na pág. 327) e no rol dos famosos trabalhos não escritos o artigo (sem título, desta vez) sobre James Joyce, de que fala Pedro Dantas e que José Lins do Rego (senão Luís da Câmara Cascudo) achava que só Gilberto Freyre seria capaz de escrever no Brasil. Com Prudente de Moraes, neto, assina na *Estética II* as críticas de três livros, um de ensaios, um romance e o outro de poesias. O primeiro, sobre os *Estudos Brasileiros* de Ronald de Carvalho (RJ, Anuário do Brasil, 1924) melindrará o criticado, que, junto com Graça Aranha e Renato Almeida, deixará de colaborar na *Estética*. Mário de Andrade diria em carta a Manuel Bandeira (citada por Plínio Doyle, na sua História de Revistas e Jornais Literários II). Na *Revista do Brasil* (15:9-10, de 15.10.26, na fase de Rodrigo M. F. de Andrade, com Prudente de Moraes, neto como secretário da redação) dará o importante manifesto sobre "O Lado Oposto e os Outros Lados", em que firma dois pontos: (1) contra (os acadêmicos modernizantes) Graça Aranha, Ronald de Carvalho e mesmo Guilherme de Almeida: *não significam mais nada para nós*; (2) contra os doutrinadores da ordem nas idéias e da literatura que traduza um anseio de construção (Tristão de Athayde como o escritor mais representativo dessa tendência): "Penso naturalmente que poderemos ter em pouco tempo, que teremos com certeza, uma arte de expressão nacional. Ela não surgirá, é mais que evidente, de nossa vontade, nascerá muito mais provavelmente de nossa indiferença". E aqui mantinha a idéia de *Estética 2* (pág. 164), expressada por Prudente: "Nosso problema literário é diferente do dos franceses, mas tem com o deles alguns pontos de contacto. Enquanto tratamos de formar uma literatura, eles tratam de reformar a sua. Se os fins se parecem, os meios são opostos". Na importante *Revista Nova* se concretizariam, depois de andanças na Europa, como correspondente dos Diários Associados, as suas promessas de contista bissexto: "A Viagem a Nápoles" foi reproduzida uma década depois (na *Revista do Brasil*, fase de Otávio Tarquínio de Souza, 34: 54-65) como sendo "o mais interessante dos seus tra-

balhos de ficção". Em 1936 seu volume *Raízes do Brasil* inaugurara a Coleção Documentos Brasileiros, da José Olympio, ao tempo em que começava a sua carreira de professor e pesquisador de literatura comparada na UDF, de que Prudente, um dos fundadores, era diretor; mais tarde, nas pegadas de Afonso Taunay, enveredaria definitivamente pela História do Brasil, de que hoje é um dos grandes mestres.

### SERGIO MILLIET

Aos 27 anos colabora na *Estética* 2 com "Boxe", um dos *Poemas Análogos* (1927) e três poemas de "Mil Réis a Dúzia". Até então só publicara versos em francês, como os de *Oeil de Boeuf* (apreciado por Couto de Barros na *Estética* 1) ou os que haviam saído na *Klaxon*, de São Paulo. É que, nascido nesta cidade, fora desde os 14 anos educado na Suíça (às custas da herança do avô materno); ao acabar a Guerra, acabara também o dinheiro da herança e o poeta de *Par le Sentier* e de *Le Depart sur la Pluie* passara por uma fase aventurosa (caixeiro de livraria, dançarino profissional, arquivista da Sociedade das Nações) antes de regressar ao Brasil, a tempo de participar da Semana de Arte Moderna. Em 1924 estava em Paris (colaborando em revistas literárias) de onde voltaria para ingressar definitivamente no jornalismo em 1926. Além de redator de *O Estado de S. Paulo*, foi colaborador da *Revista do Brasil* (fase de Rodrigo M. F. de Andrade) e secretário da *Terra Roxa e Outras Terras* (de António de Alcântara Machado e Couto de Barros). A Revolução de 30 lhe propiciaria uma brilhante carreira de bibliotecário em São Paulo. Tão brilhante quanto o seu *Diário Crítico* (1944-1955, 8 v.). Contribuiu também com "Dados para a História da Poesia Modernista" (*Anhembi*, São Paulo, 1950/51) e escreveu um alentado *Panorama da Moderna Poesia Brasileira* (MEC/Serviço de Documentação, 1952).

## TEIXEIRA SOARES

Em 1924 já era o maior conhecedor de literatura inglesa do grupo de colaboradores da *Estética*. Não lhe escapava novidade na Casa Crashley, na época a maior importadora de livros ingleses. Estava tão em dia que Prudente se lembra dele descrevendo, em conversa na Livraria Garnier, na Rua do Ouvidor (como a Crashley), os ingredientes e o preparo de uma beberagem que iria se popularizar em todo o mundo: o *ice cream soda*. Na *Estética* publicou, em três partes, o romance "Vida em Espiral", em estilo modernista: ágil e novidadoso de temas e tratamento narrativo e lingüístico. Habitual leitor de Conrad, Lawrence e Huxley (vejam-se as suas notas críticas na revista), era natural que tomasse certas liberdades; uma delas Prudente achou que iria abusar da paciência do leitor e por isso fez ver ao autor que realmente seria demais se além de tudo o que estavam pregando na revista ainda partissem para o sexo como matéria literária; o autor, depois de se defender citando os pós-vitorianos e outra gente pra frente, acabou aquiescendo: "Está bem, vou levar e fazer outra frase". Eis a que saiu (p. 205): "Quando os meus lábios pousaram no tecido aracnídeo das meias, ela me perguntou se eu sabia jogar mah-jong..."

## TIRAGEM E VENDA

A revista teve a tiragem do primeiro número contratada para 1.000 exemplares; mas, por medida de economia, só foram impressos 800. Esses tiveram a seguinte distribuição imediata: 200 exemplares para assinantes amigos e amigos de amigos (sendo um deles Ari Barroso, colega de Prudente de Moraes neto, na Faculdade de Direito); 100 exemplares para as livrarias do Rio, sendo 20 para cada uma; 80 exemplares para a Garraux, em São Paulo; 30 exemplares colocados por Nava em Belo Horizonte; e 20 exemplares colocados por Inojosa no Recife (onde ele arranjou, conforme se lê em *O*

*Movimento Modernista em Pernambuco*, v. 2, um assinante singular). Ao todo foram 430 os exemplares distribuídos ao sair o primeiro número, que teve maior circulação que os seguintes. Em 1939, ao comprar um exemplar usado (se não há engano das mãos de Carlos Ribeiro, então empregado da velha Livraria Quaresma, o mais movimentado sebo da Rua São José, antes desse conhecido "mercador de livros" se estabelecer por conta própria com a Livraria São José), mostrei-o ao Mestre Prudente que me disse: "Bem, já que conseguiste essa raridade, vou te dar os dois números seguintes, que dessas ainda tenho alguns exemplares." E, bem mais tarde, ainda pôde repetir a proeza com esse senhor de livros raros que é Fernando Sales: este me contou.

### TRISTÃO DE ATHAYDE

Foi "o grande crítico modernista, um dos rapazes que depois da escandalosa sessão de 1924 carregaram em charola o ensaísta de *O Espírito Moderno*" — conta Manuel Bandeira em "Vida e Trabalhos da Academia Brasileira de Letras" (*Poesia e Prosa*, 2, v., p. 1134). Nesse discurso Graça Aranha o inclui entre os 14 "espíritos jovens" citados nominalmente a par de outros "mil jovens espíritos sôfregos de demolição e construção". No caso de Alceu Amoroso Lima, muito mais de construção. A essa altura já se afirmara como crítico nos rodapés que, desde 1919, assinava com Tristão de Athayde em *O Jornal*, do Rio; e fama ainda maior lhe trouxera o ensaio sobre *Afonso Arinos*, de 1922. Neste expõe a orientação expressionista da sua crítica que, até a *Conversão* em 1928, buscava o espírito da obra através da análise objetiva que leva à síntese expressiva e à individuação do juízo estético. Diz Wilson Martins (em *A Crítica Modernista*, no volume 5 de *A Literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho) "que ele demonstrava, em 1922, a idade cultural que Mário de Andrade (nascido também em 1893) revelaria, como crítico literário, em 1938". É que formado à sombra da cul-

tura européia de antes da Guerra, na vigência da *Estética* de Croce, sempre foi muito mais um crítico de idéias e sistemas que um crítico de obras e circunstâncias; e se inteligência não lhe faltava, nem simpatia, sua crítica judicativa “intelectual e não afetiva, filosófica e não apenas psicológica” (como ele próprio a queria em 1922), seria um fosso a separá-lo de seus companheiros de modernismo. Na realidade foi de exceção aquele seu momento de descontrole modernista em 1924; logo se colocará novamente a cavaleiro do movimento, fazendo crítica “detachée”. Chegou, assim, a ser o grande crítico do modernismo, de que fez o julgamento em longas séries de *Estudos* e em ensaios de repercussão nacional; a ele se devem, mesmo, as mais sérias tentativas de demarcar o movimento de 1920 a 1945. Mas não se pode confirmar que tenha sido “o grande crítico modernista”, quando se nota a sua não identificação com os desordenados processos da crítica de manifestos e achados geniais vigentes nas revistas da época. Seu racionalismo não lhe permitiu aceitar senão “que se conhecemos alguma verdade é porque vemos as coisas em Deus, do ponto de vista de Deus”, como queria Malebranche, e não o inverso, “que Deus vê as coisas através dos homens, que os homens são os órgãos visuais da Divindade” — como dizia Ortega y Gasset em *El Tema de Nuestro Tiempo*, que é de 1923. Foi justamente esse racionalismo que levou Sérgio Buarque de Hollanda à acusação que faz em “O Lado Oposto e Outros Lados” (*Revista do Brasil*, Segunda Fase, 3:9-10, 15 out. 1926) e que, na realidade, o separa dos rapazes da *Estética*, onde sua colaboração, anunciada, não chegou a aparecer.

**Mario Camarinha da Silva**